

al fotográfico para ser lido”. O
ma visualidade tensa, para a qual
icado e, em certos momentos,
tura áspera, tributária do contato
o Rómulo Macció e Luis Felipe
Rio de Janeiro¹; e um sentido
metropolitano.

em que o homem seja sempre a
uma cidade que “se abre como
(1978: 5-6), que sintetiza nessa
ais a fotografia não é alheia, usa
ética: “quadros instantâneos”.

omento: “Ela influenciou muito nosso
Luis Felipe Noé [...] me impressionou
acusado, até por meus colegas, de ser

o de Janeiro, o artista entra em
ssando-se sobretudo pelo aspecto
atração despertada pelo trabalho
etes do teatro de revista, sujeitas
mais provocante” (*Folha de S.*
o “mundo do preto e branco”, o
al se inicia em 1960 e à estrutura
ros quadros. Entre 1958 e 1966,
as do Rio de Janeiro. “Calculista
rabalho na empresa lhe permitia
esse momento que descobre a
é um interesse acentuado pela
do propiciada, segundo ele, pela

mento” da fotonovela. À diferença de
material da Itália, a revista da Bloch é a
por cantores e atores famosos. Publica

temas que apontam para uma
nacionais, mas também pessoais,
logia e na individualização.
esses personagens evidencia que
mental para a elaboração de uma
o, render-se a uma concepção
, que não escamoteia a presença
brasileiro mantêm uma relação
do no processo pictórico para ser
, elementos fotográficos a noção
a concepção serial dos vários
representação sintética dos rostos,
tivos. É possível afirmar que, do
man concebe a fotografia como

como “Correio sentimental”. Além das
tecimentos de grande impacto junto ao

ta uma leitura mais dialética da
ora de acontecimentos ocorridos
r em conta declarações do artista
roblemática da multidão urbana.
a – evidente no uso sintético da
autora aponta para a analogia
e os cartazes distribuídos pelos
sivos. Também nesse momento,
ntor “idealizava personagens que
racterística, de muita semelhança

comum das imagens que servem
Gerchman e para os retratos que
ara alertar a população e solicitar
ime. O retrato fotográfico de
uo concebido como um tipo a ser

mo a Ação Libertadora Nacional (MR-8) e a Vanguarda Popular Revolucionária. A Revolução Cubana, as guerrilhas em El Peru e o livro de Régis Debray, "Revolução e guerrilha", em versão mimeografada, esses livros, invasões, roubos de armas, tudo isso reforça a linha-dura do regime militar de 1964, defende a necessidade de um novo Ato Institucional nº 5 (13 de março de 1968). O ato conturbado. O presidente da Câmara dos Deputados, o Congresso, intervir nos estados e municípios e demitir ou aposentar ministros; é instituída a censura aos jornais.

Cavalcanti (2005: 142) compara com o livro de Aurora Maria Nascimento Furtado. O livro, faz pensar, antes de tudo, numa tentativa de lidar com o fantasma para a memória.

nada mais faz do que confirmar
z com os dizeres “Terroristas
assinado vários pais de família,
se você suspeitar da presença de
vida e a de seus familiares”, no
re os quais Carlos Marighella e
cos (aerportos de Congonhas e
1969 por ordem do Ministério da
es, devem ser acrescentados os
g, cuja datação não é anterior a
tinidade, e os carregados pelos
ler a data de 1970.

n não se limita a nomear os
gráficos dos personagens, mas
líder sindical não autoriza uma
ue tenta singularizar-se, com um

imagens é tão popular quanto os

los pode ser encarada como um
forço com a fotocolagem *Sumiu*
na fotografia de Walter Firmo, o
ntificação e a generalização. À
lina que contém uma reprodução
Gerchman em pose frontal e um
. Com essa construção, o artista
idão. A constatação de que é
assa compacta que age como um
óprio retrato e daquele da jovem
em-se como uma espécie de

or Aracy Amaral (2006: v. I, 326) num
meados da década de 1960, “focaliza
o destino se desconhecia, torturados, ou
poca da ditadura”).

oldura de vidro com desenhos de
confere nobreza e dignidade à
s, que parece desconhecer as
sionomia fosse imortalizada com
dos presentes na região do nariz,
moderna em relegar a moldura ao
próprio quadro, como faz dela um
oneia ganha maior visibilidade,
, mas como uma imagem dotada
lemento determinante da estética
esma dignidade de uma pintura
se insere a operação do artista
oldura torna a obra autônoma no
ntação num estado de presença

“as aparências toscas da literatura de

grafias, entre as quais *Sou 1 566*

o pintor tenha como parâmetro o
cidadão brasileiro: o verso da
de registro, a fotografia 3X4, a
ador. Apresentada tanto isolada
a de identidade demonstra que
regem a definição do indivíduo.
ção nº. 1 566 166, um dos tantos
indivíduos, vigiá-los e puni-los em

de instrumento de controle e de
algumas alterações na codificação
essão sisuda respeitam as normas

no pode ser posta em dúvida a partir de
possível ler nitidamente o sobrenome
umas pranchas do álbum.

“hipocrisia inevitável” (“Sobre o
cone do erotismo. Esse aspecto é
a estudante retratada por ele “a
passível de ser transformada em
o de anjo e demônio”, Lou é
l, antropofágica e, sobretudo, de
el de nosso artista”.

de sublimação, ao ser associado
bios de mel, em que a fotografia
que acentua os olhos e a boca, é
Gerchman transfere para Lou a
r, além de conferir-lhe o estatuto
hada na região do colo e ladeada

concentram-se em duas imagens
ênica/I, o retrato fotográfico de
ila do Amaral. Associada com a

sentação do artista brasileiro. As
no nos cantos dos olhos e dos
na Lisa (MURRAY, 1971: 242-
no contrário, não possui mistério:
firmar-se com franqueza, como
melhos e entreabertos. Em outra
ficações na imagem apropriada: a
sa uma corrente com a estrela de
as” multiplica as referências da
nto a crônica policial, pondo em
uldade de definir uma identidade

fotográfica nem sempre é linear,
o tema. O quadro *João e Maria*,
a homônima datada de 2001. No
atos da década de 1960, filtrados
em fotográfica ao dotá-la de uma

RELLI, 2010: 26), trazem à tona
é inegável que nas representações
artista, como comprovam *A cidade*
ibus (1965), *Flamengo campeão*
(1966), entre outros. Quando, porém,
perceber que seu desígnio é outro:
dotá-lo de uma individualidade,

como *As professorinhas*, em que o
entre a superfície da tela e o olho do
artista Tereza geram uma distorção
é possível pensar num efeito de
como a Maria Angélica, em que a
imagem se torna evidente. Ao emoldurar
Schman acaba por inseri-los não
o presente precário é transformado
pela fotografia e pelas páginas

o qual passa a ser percebido de

em Andy Warhol: a singularidade
e ícones da história da arte. Por
is, eles não deixam de ter como
maneira exemplar, por Warhol em
as de Detroit, que morreram em
inado, a obra do artista norte-
uras anônimas, como dá a ver a
o Thomas Crow (2002: 65) – nos
as e nas golas das roupas.

a vez, evoca as operações a que
seu interesse por ser um fetiche
social. As diferentes modalidades
exposição de *Mona Lisa* em
demonstração tangível de uma
de ser vista como um marco da

...a adquirido o *status* de imagem
...ida na década de 1970, e que os
...e não parem dúvidas sobre sua

Gerchman demonstra ser guiado
...idades expressivas de diferentes
...erde, via de regra, seu impacto
...essivo e rudimentar, que contesta
...a uma visão crítica do momento
...sociada às técnicas de ilustração,
...otografia desempenha um papel
...de pintura” e reivindica o direito
...o fazer parte do universo da arte.
...agem fotográfica instaura uma
...lismo reinterpretado é, em parte,
...mpura, instável e imprecisa.

es sobre a questão identitária na

NONI, Priscila (orgs.). *Arte e*

5.

nan. Rio de Janeiro: Salamandra,

a o meu". In: *Gerchman*. Rio de

cia en el primer Warhol". In: *El*

al, 2002, p. 55-71.

arte no Brasil. Rio de Janeiro:

rios. Trad. Marina Appenzeller.

humana". In: ESCALLÓN, Ana

94, p. 14-24.

dromo, Florianópolis, n. 6, 2011,

e of its figures”. In: DURO, Paul
es of the art-work. Cambridge:

ovecento: uma storia “senza

: *Opinião 65*. Rio de Janeiro:

ce. London: Thames & Hudson,

as”. In: *Dos murais de Portinari*

p. 217-221.

2-1979”. In: *Rubens Gerchman*.

